

SANDRA MUÑOZ: UMA SUJEITA ATRAVESSADA POR DIFERENTES MATRIZES DE OPRESSÃO

Maria Augusta Neves Silva

*“Não adianta ser mulher na política,
é preciso fazer políticas que atendam as mulheres.”
Sandra Muñoz*

Este trabalho pretende tratar de aspectos da vida da feminista Sandra Muñoz a partir de uma perspectiva etnográfica ressaltando questões de gênero, raça e relações de poder. Para Silva (2009), a etnografia pode ser vista como o relato de uma experiência conflituosa de quem observa, condição para o entendimento do que foi observado. Nesse sentido, o autor ressalta que a etnografia possui três fases sincrônicas em relação à atividade do etnógrafo: situar-se, observar e descrever, dimensões que devem acontecer numa perspectiva integradora.

Na noite de 03 de novembro de 2015, cheguei à Universidade Federal da Bahia - UFBA, às 18h, para assistir a mais uma aula da disciplina Introdução à Antropologia do Gênero, ministrada pelo professor Felipe Bruno Martins Fernandes. Naquele dia, iríamos discutir o texto “Meninos Trabalhadores”, da socióloga Zahidé Machado Neto. A expectativa era grande, pois o professor havia feito uma apresentação prévia acerca da vida da autora, o que despertou em mim curiosidade. Quando adentrei à sala, deparei-me com o professor escrevendo no quadro, enquanto uma mulher estava sentada em uma cadeira. Ela era negra, de cabelos loiros, vestindo uma camiseta amarela estampada com a frase “9ª Conferência Estadual de Saúde da Bahia”, calça *legging* preta e sandálias havaianas pretas. Logo que percebi a minha presença, o professor Felipe apresentou-a para mim. Tratava-se de Sandra Muñoz, uma militante feminista com a qual teríamos a honra de realizar, como o professor sugeriu, uma tribuna livre, onde poderíamos fazer perguntas. Aos poucos as/os colegas

foram chegando e o professor repetia a mesma orientação para a aula daquela noite.

Passados os minutos de tolerância para o início da aula, o professor sugeriu que nos organizássemos em círculo, com a nossa entrevistada no meio. Quando tudo estava organizado, o professor apresentou Sandra Muñoz novamente como uma militante feminista mineira, nascida em Belo Horizonte, momento em que foi interrompido por esta, que disse ao professor para não se esquecer de apresentá-la como puta. Assim feito, deu-se prosseguimento a apresentação, sempre interagindo com Sandra no sentido de buscar validação das informações: mulher negra, 41 anos, adepta do candomblé, bissexual, pedagoga formada pela Universidade Federal da Bahia, ativista que conta com um vasto currículo de coordenação de organizações não governamentais (ONGs) - entre estas o Fórum Feminista de Salvador, organizadora da Marcha das Vadias e hoje coordenadora, na Bahia, da Rede de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres. Atualmente, sua atenção está voltada para um novo projeto, financiado pela Organização das Nações Unidas (ONU), a Casa Cristal Lilás da Bahia. Felipe encerrou a apresentação da convidada, pedindo que a esta falasse um pouco sobre sua vida e o que a levou a se aproximar do movimento feminista.

Sandra contou que foi uma menina com sorte na vida, diferente da maioria das meninas negras. Estudou nas melhores escolas. Foi aprovada no vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no curso de Direito, e foi jogadora de futebol. Sua mãe a apoiava, dizia que ela era a Rainha de Sabá, e que era livre. Porém, nem tudo era belo. Sandra relatou a forte discriminação que sofria na infância dentro da escola por ser negra: por vezes questionavam se seu pai era motorista, se era bolsista ou se sua mãe trabalhava na escola, repleta de alunos brancos. Disse que brincava muito e teve dificuldade de se relacionar com os homens. Revelou que sua mãe teve câncer e acabou se suicidando junto a irmã gêmea de Sandra. Após o ocorrido,

seu pai, não suportando a situação, largou o trabalho, abandonou a família e desapareceu. Então, sua avó veio da Espanha para buscá-la, mas ela preferiu ficar com uma vizinha. Emocionada, afirmou que sua mãe adotiva sofria cotidianamente violência por parte do marido. Até que um dia uma mulher, em sua escola, falou sobre a violência contra a mulher e sobre a Rede Feminista de Saúde, momento a partir do qual Sandra, emocionada, afirma ter se identificado com a luta feminista. Prometeu, então, à sua mãe que esta nunca mais apanharia e jurou, a partir daquele dia, engajar-se na luta pelas mulheres. Aos treze anos, já participava de um grupo de formação da Rede Feminista de Saúde e, certa noite, se rebelou contra o agressor de sua mãe, atirando-lhe uma lata de tinta. Sandra Muñoz ressalta que há gosto e desgosto em ser feminista, pois o feminismo às vezes é muito cruel com as mulheres, como se as mesmas tivessem que viver em uma caixa, ou seja, seguir um padrão como se houvesse um jeito “certo” de ser mulher.

Em seguida, a entrevistada disse que tentou fazer também o curso de jornalismo na mesma universidade que havia passado em direito, mas abandonou-o para dedicar-se ao futebol no Clube Atlético Mineiro. Parou de jogar futebol aos 23 anos, quando, ao encontrar seu primeiro namorado, engravidou. Ressalta que pensou na possibilidade de abortar, mas descobriu a gestação já no oitavo mês. Disse que nesse período passou por muitas dificuldades. Trabalhou na Prefeitura de Belo Horizonte, em uma política pública de habitação popular. Revelou ter gerado outra criança, que veio a falecer com problema de coração. Tal situação deixou-a profundamente deprimida e, por conta disso, veio para Bahia com a ajuda de amigos, onde acabou permanecendo. Foi recebida por um amigo, que se tornou seu companheiro. Entrou para o Fórum de Mulheres de Salvador e enfrentou muitas dificuldades, pois não estava em sua cidade. Desse modo, o seu companheiro custeava a sua militância. Coordenou a Conferência de Comunicação da Bahia, sempre no segmento de Mulheres. Coursou, então, pedagogia pela Universidade Federal da Bahia. Dentre as várias ações de que participou ou coordenou,

conheceu Lurdinha Rodrigues, em uma viagem à cidade de São Paulo. Apaixonou-se por ela e viveu sua primeira relação homoafetiva. “Fiquei confusa era minha primeira namorada”, revela Sandra. Relacionou-se outras vezes com mulheres, mas atualmente se encontra sozinha.

Sandra fala do preconceito de parte dos movimentos feministas em relação às mulheres trans, e se diz incomodada com esta postura. Segundo ela, em virtude disto, segmentos do movimento feminista não gostam dela. Nesse sentido, Moita e Thaumaturgo (2013) sinalizam que, historicamente, as feministas entraram em conflito com a inclusão de novas identidades e demandas para sua bandeira de luta. As autoras chamam a atenção para a colisão entre feministas radicais e transfeministas já existente há algum tempo nos EUA e que vem ganhando força no Brasil, principalmente nas redes sociais. Nessa perspectiva, as feministas radicais possuem, em relação às transfeministas, dois tipos de posicionamentos:

“[...] aquelas que as ignoram como sujeitos políticos na luta feminista e aquelas que, efetivamente, constroem discursos de repúdio à aceitação das transexuais como feministas e assumem que certos posicionamentos do grupo são, de fato, transfóbicos.” (MOITA E THAUMATURGO, 2013, p. 7).

Quando o professor Felipe abre a rodada de perguntas, a discente Daiane Brito conta sobre a violência sexual que sofrera na adolescência, e lança várias perguntas quanto às ações da Rede de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher, que é coordenada por Sandra, inclusive em cidades do interior, especificamente na ilha de Itaparica. Sandra responde primeiro, demonstrando solidariedade à companheira Daiane e revelando ter também sofrido violência sexual aos 18 anos. Em seguida, falou do machismo nas cidades do interior, da falta de sororidade⁷⁴ entre as mulheres, da dificuldade na obtenção

74 Sororidade é uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. É uma experiência subjetiva entre mulheres na busca por relações positivas e saudáveis, na construção de alianças existencial e política com outras

de recursos para as ações de enfrentamento a violência, e da administração política das casas de apoio, cujos gestores, indicados por políticos, são desprovidos de conhecimentos técnicos ou empatia à causa feminista, além do preconceito religioso embutido nas práticas da direção destas instituições, dificultando, desse modo, o atendimento à diversidade.

Falou de um caso polêmico, com repercussão nacional, de estupro de duas adolescentes, na cidade de Rui Barbosa, por integrantes da banda New Hit, bem como de seu empenho junto ao movimento de mulheres para pressionar a Justiça a punir os responsáveis. Sandra se diz indignada com a postura de algumas mulheres da cidade onde moravam as adolescentes, que vandalizaram as casas das vítimas como se estas fossem culpadas. Nesse sentido, podemos tecer considerações em relação à reprodução do machismo e da ideologia patriarcal apoiada nos estudos de Heleieth Saffioti. Para Saffioti (2004) a ideologia paira acima da matéria e se constitui como elemento de reificação, de alienação e de coisificação. A ideologia sexista, por exemplo, corporifica-se nos agentes tanto de um polo quanto de outro da relação de dominação-subordinação, relação na qual os privilégios são masculinos, sendo direcionadas às mulheres práticas de discriminação. Nesse contexto, o patriarcado serve ideologicamente aos interesses dos grupos/classes dominantes e o sexismo não é um mero preconceito, mas o poder que dá privilégios aos homens. De acordo com Saffioti (2004), as mulheres não estão livres de reproduzir tal ideologia e, imbuídas também do machismo, que dá cobertura ao patriarcado, desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do patriarca, disciplinando filhos e outras crianças ou adolescentes, segundo a lei

mulheres, para contribuir com a eliminação social de todas as formas de opressão e ao apoio mútuo para alcançar o empoderamento vital de cada mulher. A sororidade é a consciência crítica sobre a misoginia e é o esforço tanto pessoal quanto coletivo de destruir a mentalidade e a cultura misógina, enquanto transforma as relações de solidariedade entre as mulheres.

do pai. Segundo a autora, ainda que as mulheres não sejam cúmplices deste regime, colaboram para alimentá-lo.

Nesse sentido, Miriam Grossi (2007, p.123) ao analisar a “escuta do sofrimento” aponta para a dificuldade de falar sobre a violência na relação entre as próprias mulheres, inclusive, entre as feministas:

Duas situações ainda pouco abordadas na literatura da área, a da presença da violência nas relações homoeróticas e aquela que emerge nas relações entre as próprias mulheres (na militância, nos locais de trabalho, na família, em situações de amizade, etc.), [...]. Para as feministas heterossexuais, a violência entre mulheres é um tabu, pois ideologicamente se acredita no valor da “sororidade” como um valor constituinte da militância e das relações entre mulheres. Para feministas lésbicas, considera-se não estratégico e politicamente incorreto admitir que também nas relações homoeróticas a violência pode estar presente.

Sandra falou ainda sobre vários embates políticos que teve que empreender em sua trajetória,. Entre eles, pontuou a organização da Marcha das Vadias, coordenada, no Brasil, por Sandra, que deu projeção nacional à sua rede. Ainda em relação a suas vivências, afirma que trabalhou no Centro de Referência LGBT da Bahia, o qual fechou por falta de financiamento, e coordenou algumas campanhas políticas. Demonstrou contentamento ao narrar a trajetória trilhada para conseguir a aprovação, em um edital da ONU, do projeto Casa Cristal Lilás da Bahia, que tem como objetivo o atendimento à comunidade LGBT vítima de violência. O projeto dispõe de uma equipe interdisciplinar composta por advogadas/os, psicólogas/os, infectologistas/os, pedagogas/os, entre outras/os profissionais. Em seguida, falou da onda conservadora que envolve o Congresso Nacional, lembrando o projeto de Lei nº 5.069/2013, de autoria do Deputado Eduardo Cunha, conhecido como lei antiaborto, que restringe direitos das mulheres e tem sido a principal pauta de mobilizações dos movimentos feministas no Brasil.

Um dos participantes da entrevista, o discente Claudio Sena, perguntou-lhe como se enxergava enquanto mulher frente à luta, qual era sua visão de futuro e se a tinha noção do impacto de seu trabalho para as próximas gerações. Sandra o respondeu: “*Eu venci. Quando chego a uma delegacia e encontro com uma mulher, ela me agradece*”.

Perguntei-a como percebia a pauta feminista nos partidos políticos no Brasil e de maneira mais específica em Salvador e como se dava a representação política das mulheres nos movimentos sociais atualmente. Sandra apontou como uma questão problemática a representatividade feminina, pontuando que as cotas nos partidos são preenchidas muitas vezes por “*laranjas*”.

Por fim, perguntaram-na qual era seu sonho, ao que Sandra disse ser a real liberdade para as mulheres. Ressaltou que se encontrava naquela posição por conta de oportunidades proporcionadas a ela por muitas mulheres. Sentenciou, assim, que era disso que se necessitava hoje: mais oportunidades para as mulheres. Disse que as mulheres devem se unir e lutar por seus direitos, participar politicamente, cobrar dos políticos e da justiça que cumpram a lei. Enfrentar as ameaças, na perspectiva de um futuro melhor. Teceu considerações a respeito da formação política nas escolas através dos coletivos e deixou a seguinte mensagem para a turma: “*Liberdade para as mulheres!*”.

REFERÊNCIAS

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Projetos de Lei e outras proposições. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=565882>>. Acesso em: 18 nov.2015.

GROSSI, Miriam Pillar. Violência, gênero e sofrimento. **Educação em Direitos Humanos**. 2007. p.121-132.

LAGARDE, Marcela. Definindo Sororidade. **Feminismo Radical**. Disponível em: <<https://we.riseup.net/radfem/definindo-sororidade-marcela-lagarde>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

MOITA, Júlia F. G. S; THAUMATURGO, Haline S. Feminismo Trans X Feminismo Radical: desconstrução e preformance em conflito na geração pós-genero. **Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Natal: agosto, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA. Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**. vol.15 n.32 Porto Alegre: Jul/Dec. 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200008>. Acesso em: 15 nov. 2015.